

ESCOLAS EM TRANSIÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO DO A.T NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NEURODIVERSA E NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

Andressa Nunes Cavalcanti Pierre ¹
Prof.^a Ms. Cintya Oliveira de Carvalho ²

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu ao decorrer da vivência de estágio como A.T escolar, seguindo com rigor as normas do parecer de nº 50/2023, o qual sugere a elaboração do Planejamento Educacional Individualizado (PEI), colaborativo com a família e equipe terapêutica da criança para que sua rotina escolar seja adaptada às suas necessidades a fim de que consiga desenvolver com equidade o processo de aprendizagem em relação aos pares típicos. Nesse viés, objetiva descrever e analisar a importância do acompanhante terapêutico escolar (A.T escolar), no que tange à construção da inclusão do aluno neurodiverso e sua família na comunidade escolar ao contribuir para o fortalecimento do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do PEI.

Este trabalho aborda as definições científicas atuais sobre o TEA conforme os manuais da saúde mental *cid-11* e *dsm-5-tr*, no entendimento da psicologia escolar de modelo crítico, da educação especial e inclusiva, sob o viés da psicanálise no conceito da estruturação psíquica da criança autista e o brincar como ferramenta de sustentação do desejo no processo de ensino-aprendizagem. Ademais, a metodologia científica inicial seria estudo de caso único, contudo, após eventos relevantes acerca do assunto, percebemos a vulnerável inclusão que a comunidade neurodiversa enfrenta pela sociedade, então, iremos primeiro compartilhar a análise crítica das teorias aplicadas sob método de revisão bibliográfica para aprimorar em produções futuras.

À luz dessas considerações, a pesquisa pretende contribuir com as autoridades competentes e a comunidade civil interessada sobre a importância da atuação do A.T no contexto do ensino regular, na participação do desenvolvimento da criança neurodiversa e do seu processo de aprendizagem equitativo em relação aos pares típicos, no qual, na

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Farias Brito - CE, andressacavalcanti.psi@gmail.com;

² Professor orientador: Mestre em Psicologia e graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - CE, cintya.carvalho@fbuni.edu.br.

colaboração entre escola, família e equipe terapêutica, construímos uma nova forma de educação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Diante do assunto ainda em lapidação no Brasil, nos reservaremos a descrever e analisar, de modo reflexivo, a teoria científica que formou nosso arcabouço para esse estudo inspirado na atuação da autora como A.T escolar. Logo, coletamos bibliografias publicadas no Brasil e na Argentina, de autores considerados referência em suas áreas para fundamentar este artigo. A partir disso, aprofundamos nossa pesquisa ao encontrar dados científicos na Europa e nos Estados Unidos, coletadas nas bases da *scielo* e *pepsic* entre junho e julho de 2024. Assim, a pesquisa teórica analítico-reflexiva será descrita no que tange à união das teorias do universo escolar e da psicanálise a fim de analisarmos e refletirmos sobre o seu processo de aplicação.

Nesse viés, iniciando pela área da educação, temos o conceito de comunidade escolar, do educador brasileiro Carlos Rodrigues Brandão. Sobre o método educativo *scerts* que citaremos, está no livro “*Autismos: estrategias de intervención entre lo clínico y lo educativo*”, organizado pelo psicólogo especialista na área, Dr. Daniel Valdez. Doravante, ao aplicar o método *scerts* na escola, salvaguardando sua essência, suas técnicas e seu propósito, a autora, acredita que, ao unir as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e a fase do desenvolvimento psicosexual de latência; de Alfredo Jerusalinsky sobre a psicanálise e o manejo do autismo; e de Melanie Klein sobre a ferramenta do brincar psicanalítico, seja possível usar no colégio para sustentar o desejo do aluno neurodiverso no processo de ensino-aprendizagem, a partir da contribuição do desenvolvimento integral da criança enquanto sujeito singular.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os psicólogos escolares, ao cumprirem as leis da educação inclusiva, seguindo o modelo crítico da psicologia escolar, supervisionam a atuação dos A.Es (A.T escolar). Estes integram a equipe escolar que atua de modo interdisciplinar junto à família e aos terapeutas no acompanhamento do aluno neurodiverso dentro do colégio para promover o aprendizado intelectual e fortalecer o seu desenvolvimento humano integral. O educador Carlos Rodrigues Brandão (2007, p.13), no livro *O que é educação?* publicado

pela UNB, diz: para se cuidar de uma criança, é preciso de uma aldeia toda. Assim, inicia-se nosso referencial teórico sobre a importância da função do A.T escolar na sustentação do desejo no processo de ensino-aprendizagem do aluno neurodiverso e na contribuição do desenvolvimento integral enquanto sujeito singular, além de colaborar com a construção de uma nova escola mais inclusiva. No Brasil, as práticas de intervenções, no ambiente escolar, não podem ser confundidas com a prática da clínica para que a escola não perca seu propósito. Logo, esse trabalho acontece sobretudo para o aluno conseguir vivenciar, com equidade, o processo de aprender em relação aos seus pares típicos, ao reduzir as barreiras de acesso ao ensino, almejando a sua independência e autonomia na fase adulta. Destarte, quem usa o termo neurodiversidade, criado em 1999, pela socióloga australiana Judy Singer, prega que o processamento neurocerebral do TEA é diferente em relação ao padrão da sociedade neurotípica, e não o vê como doença fadada ao fracasso, pois, com adaptações, o sujeito neurodiverso pode viver com autonomia.

Em 2024, o autismo é categorizado no *cid-11* e *dsm-5-tr*, como transtorno do neurodesenvolvimento, dividido em níveis de suporte de 1 a 3, conforme a severidade e complexidade do comprometimento na comunicação e interação social recíproca; e nos padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos e repetitivos. Ademais, é preciso acontecer em todos os lugares, causando prejuízos suficientes nas diversas relações do indivíduo, por não estar dentro do padrão da sociedade e pode variar de acordo as situações vividas quando as demandas sociais excedem as capacidades limitadas. Desse modo, ao pesquisar modelos educativos que pudesse se adequar às novas diretrizes da educação inclusiva para alunos com TEA nas escolas pátrias de ensino regular, achamos o modelo americano educacional *scerts*, cujo foco principal é ajudar a pessoa com TEA a desenvolver sua autonomia. Criado em 2005 pela equipe de Barry Prizant e Amy Wetherby, trabalha com a abordagem multidisciplinar centrada na família para melhorar a comunicação e as habilidades socioemocionais de crianças com TEA ao atuar em três pilares: comunicação social, regulação emocional e apoio transacional. Apesar do foco familiar, ele tem maior eficácia com o trabalho colaborativo entre família, educadores e terapeutas (Valdez, 2016, p.47 e 48).

Na união da psicologia com a pedagogia para realizar as intervenções dentro do *scerts*, adotamos teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e Melanie Klein na interpretação dos resultados de acordo com a interação dos alunos. A escolha parte da convicção de a escola ser, para além do lugar de refúgio ou de castração, um local seguro de as crianças vivenciarem a fase do desenvolvimento que Freud chama de latência,

durante a realização das matérias curriculares e extracurriculares com mais autonomia, ao estarem distante dos pais e ao lado dos colegas, ainda que sob supervisão dos atores escolares. Logo, em conjunto com modelo *scerts* já citado, prosseguimos com a teoria de Melanie Klein sobre a importância da escola que diz que esta tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança diante das exigências educacionais que a forçam a sublimar suas energias instintivas libidinais, motivando os desejos inconscientes se transformarem em vontades conscientes (Klein, 2015).

Em relação à criança neurodiversa, por meio da teoria psicanalítica no manejo do autismo, citamos Alfredo Jerusalinsky, o qual reconhece os automatismos do sujeito autista e a determinação da janela pulsional para buscarmos uma vinculação com a criança dentro do seu “universo singular”. Assim, o brincar surge como ferramenta essencial na análise das intervenções com base no *scerts* sob pensamento de Melanie Klein (2015), pois diz que uma das principais funções dos jogos infantis é gerar descarga de energias pulsionais para a criança manifestar simbolicamente fantasias, desejos e experiências, servindo tanto para apoiar quando for bom, quanto para castrar quando for ruim. Por fim, a autora espera que a análise infantil chegue um dia a constituir uma parte da aprendizagem de cada pessoa assim como a educação escolar, comparando a psicanálise com o processo de aprender, pois, para ela, a análise prepara a criança tanto para se adaptar socialmente quanto para desenvolver as normas morais e éticas quando adulto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo inicial teria a proposta metodológica de estudo de caso único. Mas, após autora ter participado de eventos relevantes sobre o tema, decidiu ter prudência, ao perceber a vulnerável inclusão que a comunidade neurodiversa enfrenta pela sociedade. Logo, a mudança metodológica para pesquisa teórica analítico-reflexiva aplicadas sob método de revisão bibliográfica a fim de aprimorar em produções futuras trata-se do primeiro resultado discutido.

Ao seguir as normas atuais da educação inclusiva, junto à regra de não tornar o ambiente escolar em prática clínica, a autora encontrou o modelo educativo americano chamado *scerts* criado em 2005 e aplicado no Brasil desde 2007. Ele é trabalhado dessa maneira: na comunicação social, analisa-se a atenção conjunta e o uso simbólico quando o sujeito conversa com outra pessoa e há o uso de objeto de interesse de ambos, o objetivo é que ela fique mais segura e ativa nas interações sociais; na regulação emocional, a

habilidade do aluno de notar a intensidade das suas emoções e reações físicas causadas por elas é treinada para que ele aprenda a autorregulação ou solicite regulação mútua; e, no suporte transacional, fazemos adaptações nos locais físicos e auxílio para habilidades interpessoais, criando aprendizagem positiva. Então, os criadores orientam ser construído em parceria entre família, escola e terapeutas para os pilares serem trabalhados em situações diárias diversas (Valdez, 2016, p.47 e 48).

Na relação com a criança neuroatípica na escola, por meio da teoria psicanalítica de Alfredo Jerusalinsky sobre o manejo do autismo, reconhecendo os automatismos do sujeito autista e buscando a janela pulsional para alcançarmos a vinculação com a criança dentro do seu “universo singular”, acreditamos que a teoria do brincar de Melanie Klein seja ferramenta imprescindível na prática psicopedagógica, pois esta afirma que uma das principais funções dos jogos infantis é proporcionar a descarga das energias pulsionais. Nesse sentido, ela aborda a extrema importância que a escola executa na estrutura psíquica da criança, porque é imprescindível para alunos vivenciarem, com certa liberdade, suas pulsões libidinais por meio dos desejos inconscientes ainda não manifestados de forma consciente mediante a declaração da vontade. Assim, sob o olhar afetivo dos atores escolares, o educando pode se ver sujeito autoconfiante das suas habilidades singulares descobertas; no mesmo sentido, sob o olhar disciplinador dessa mesma equipe, com o equilíbrio da castração do poder de lei das autoridades escolares, caso o desejo inconsciente da criança, ao ser revelado no brincar, contenha algum desvio de caráter.

Então, em sincronia com o método *scerts*, o brincar é usado na escola, por exemplo, no uso da massinha de modelar como um recurso introdutório à escrita de redações em que trabalhamos o “faz de conta” do texto narrativo, a autoconfiança e as emoções causadas em fazer prova; na prática dos jogos de borda, uma sala com espelho do chão ao teto pode ser meio de reconhecer a si e reconhecer-se como sujeito do ambiente em sua volta; gibi, jogos de tabuleiros e cartas são ótimo meio de estimulação da linguagem oral e da socialização com os colegas, criando também a inclusão educacional e social. Logo, o PEI feito em conjunto com a aldeia que cuida do aluno nos permite buscar métodos psicoeducativos adequados, unindo o ensino pedagógico com a teoria psicológica que acreditamos melhor atender as necessidades da criança neuroatípica. A depender do nível de vínculo e do olhar atento ao aluno, acreditamos que, no instante em que supostamente ocorre apenas uma brincadeira para a criança, conseguimos aplicar o modelo *scerts* sob viés do brincar psicanalítico, pois, ao observá-la no ambiente onde se

sente livre para agir natural, usamos os dados observados, analisando a partir das diversas áreas afins ao desenvolvimento infantil e seus processos de aprendizagem. (Valdez, 2016, p.47). Ademais, sabendo da fase de latência do desenvolvimento psicosssexual freudiano, os profissionais devem estar atentos, já que, durante a rotina escolar, muitas vezes, surgem as revelações dos gostos, das habilidades e dos talentos das crianças até então não notados ou ignorados pelo olhar do adulto, diante da sobrecarga educacional ou, a depender do ano escolar, é a primeira vez. Portanto, o A.T escolar da psicologia consegue atuar dentro da escola sob influências das teorias psicológicas, no nosso caso, a psicanálise infantil, buscando ajudar a criança a tornar-se sujeito, sem configurar prática clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, seria estudo de caso único, contudo, após experiências de campo, decidimos ter prudência, compartilhando primeiro o arcabouço teórico por meio da pesquisa analítico-reflexiva de revisão bibliográfica. Nesse viés, a autora acredita que o modelo aqui descrito é possível na contribuição do desenvolvimento da criança neurodiversa e na construção de nova educação, e almeja que seja o início de pesquisas mais profundas no intuito de lapidar a teoria e possibilitar novas práticas que proporcionem mais entendimento e mais conscientização da função do AT.

Palavras-chave: Neurodiversidade, Psicanálise, Ensino regular, Educação, Inclusão.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: *dsm-5-tr*. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023

VALDEZ, D. *Autismos: estratégias de intervención entre lo clínico y lo educativo*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2016.

KLEIN, M. *Amor, culpa, reparación: y otros trabajos 1921-1945. Traducción de: Arminda Aberastury et al.* 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

JERUSALINSKY, A. Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo. *Psicologia Argumento*, [S. l.], v. 28, n. 61, 2017.